

# AZUL

ANNO I.

Pel Arte

TOMO 2..

Director: Thiago Peixoto.

Curityba, 29 de Outubro de 1900

## Leoncio Correia

**E**sse que hoje illumina, com a scintillação de um astro de primeira grandeza, as paginas do "AZUL," já tem o nome de ha muito feito, percorrendo, triumphante, a accidentada e glorio-sa carreira das letras.

Filho d'aquelle terra eleita que ora esta-ciona, como quedada na contemplação piedosa de um prematuro sol poentino; que ora descansa, vivendo, talvez, da recordaçao de seus filhos que lá se foram, uns, para longes patrias, outros, para a paz eter-

na dos tumulos, onde estão, saudosos, Leocadio Correia, Fernan-dio Amaro e tantos outros, — filho d'aquelle bello pedaço da marinha, da bella cidade de Paranaguá, a vida litteraria deste grande apostolo das letras ini-ciou-se nos pequenos jornaes *Violeta* e *Futuro*, nessa cidade pu-



blicados no decurso dos annos de 1881 á 84.

O theatro, á principio, foi uma das suas preoccupações, chegando a escrever um drama — *Talento e oiro*, que ha 17 annos, mais ou menos, foi á scena no antigo theatrinho *Melpomene*, de Paranaguá.

Ao que suppomos, é, no theatro, a unica peça litteraria de Leoncio, a qual infelizmente até hoje está inedita.

Durante esse tempo, igualmente, publicou a sua primicia poetica, — *Flores agrestes*, nimoso opusculo onde ha versos de merecimento.

Mais tarde, em 1887, a litteratura paranaense era enriquecida com o seu livro selecto — *Volatas*, que, a nosso ver, veio dar á Leoncio Correia o titulo indistructivel de sua nobreza artistica.

Hoje o seu nome paira no alto azul ceruleo da Arte, a sorrir, entre pleiade de estrellas, com o fulgor estranho de um astro de pri-meira grandeza.

# A' morte de um poeta



soffreste muito, muito! eterno incomprehendido!  
Tinhas o olhar severo e o ar sempre sombrio;  
E é por isso que alguém, ao ver-te entristecido,  
Chamava-te vilão, chamava-te vadio.

Nossa alma é uma utopia! A materia é que vale,  
E que existe, é que quer, é que ruge, é que grita!  
Que importa, pois, emfim, que o nosso peito estale!  
No ardor da aspiração olympica e infinita?!

Ah! os felizes, sim! ó meu amigo, ó morto!  
Só se deixam guiar por um itinerario;  
Vencem da vida o mar,—sem que avistem o porto  
Onde a vaga soluça o poema do Calvario.

Ruminantes! jamais comprehendendo a estrella  
Que pisca, pensativa, além, pelas alturas;  
Chegemos até lá, a azul e arqueada umbella,  
Pela escada feral das bronzeas amarguras..

Mas, que destino atroz! A lagryma bendita  
Que nos mareia o olhar nas horas de tristeza;  
A lagryma com que é a nossa vida escripta  
Como nos pesa a nós com colossal fereza!

Ah! poeta infeliz! sorriste e deliraste  
Na insania de sonhar as glorias do futuro!  
O' ferido condor! ó astro que tombaste  
Nas sombras immortaes desse mysterio escuro!

Reposas... e és feliz! A morte é nossa amiga;  
Perdoa todo o mal e todo o bem alcança;  
Deixa que o mundo inteiro a apostrophe e a maldiga...  
Descança, ó meu amigo, ó meu irmão, descança.

Leancia Correia.



# RISO MORTO

*A Silveira Netto*

Nesse teu sorris singularmente phtysico, em que uma lancinação de profunda angustia melancolisa os brancos detalhes esculpturaes da tua delicada carnacão anemica, eu sinto a paralysação dos grandes labios frios das estatuas, como se vivesses, ó Flôr do Infortunio, no inverno brutalmente assassino da Morte!

E's uma flôr polar, ó desventurada Magnolia das tristezas! . . .

Risos de pedra apenas transparecem na morbida conformação estreita dos teus labios, como se fosses tirada de raros blôcos finos de granito por mysterioso camartello grego . . .

Vás ao sól, e sob os adustos raios do sol és sempre

o mesmo gêlo . . . Vives sob o nitido ceu jacundissimo dos tropicos, e mesmo assim és eternamente fria, como as avalanches que se decompõem do alvinitente leito triste do Oceano Artico . . .

Irás logo para o tumulo, e zombarás então, debaixo do cavo ramalhar psalmodioso das casuarinas verdes, com a larga ironia atroz dos marmores de Phidias, desse sol que nunca te aqueceu e desse ceu sob cuja cupula viveste fatalmente hirta, no longo inverno nebuloso do Infortunio! . . .

Oh! vae, desventurada Magnolia das tristezas, e leva contigo o teu branco sorriso morto, porque elle pôde ficar errante, como avantêsmada Dôr, na grande noite tormentosa de minha alma . . .

*Nestor de Castro*



## NA REGIÃO AZUL

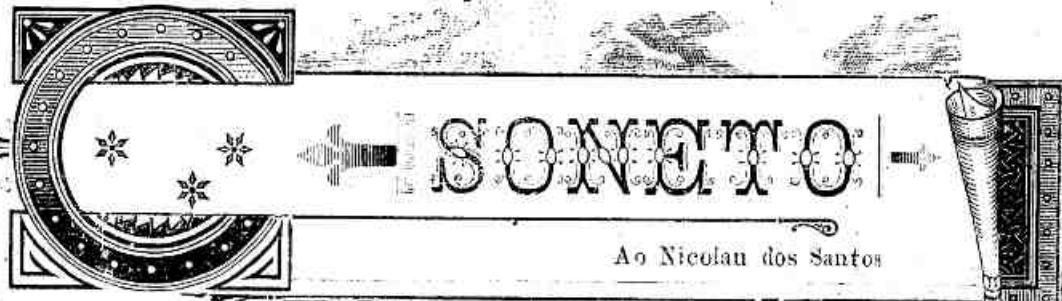
**P**elas ondas de luz que iluminam o Vago,  
Muita vez, a sonhar, subo ás regiões astraes...  
Subo e paro no Azul fruindo o estranho affago  
Das doces emoções dos gozos immortaes.

Sentindo em todo o Espaço a dormencia d'um lago,  
Somnambulo, perscruto, em convulsões fataes...  
"Quem me conduz ao Céo ?—anciosamente indago—  
"Onde essa doce Paz de eternos madrigaes ?... .

N'uma rubra ecclosão de auroras e vertigens  
Que o Pensamento affaga em meio do mysterio  
Dessas mansões azues do Bello e das Origens,

Escuto o estremecer symbolico das vozes  
Dos Astros a cantar as orações do Ethereo,  
—E o Sonho me conduz ao claustro das Nevrozes!—

**Generoso Borges**



# SONHO

Ao Nicolau dos Santos

**L**ha rae, azul em fóra, o alado bando  
De chimeras subtis . . . Quem-se suaves  
Rufos longinquos, que bem lembram aves,  
Quando se vão, alaçres clarinando . . .

Sonhos deirados ! O' ligeiros naves  
Que ides, no dorso ethéreo fluetuando,  
Como si fereis astros, scintillando . . .  
Ha rufos no ar, que bem nos lembram aves.

Pilotos do ideal, que ides aos lemes  
Dessas azues e lepidas triremes,  
Salve! . . . E cobri vossas frontes de leiro.

Olhae ! No templo que andaes collimando  
Ha sonhos, ha visões, virgens vibrando  
Lyras eburneas e psalterios de cire !

Era de 1899.

*Aristides França.2*



# Ave Maria

A Adolpho Werneck

**L**á ao longe no poente o Sol se havia occultado atrás das serras alcantiladas do horizonte.

Era a saudosa e divina hora do crepusculo... As primeiras sombras da noite aos poucos invadindo a terra, iniciavam a intercessão das trevas sucedendo a luz: esse período em que o orbe por um lado participa do terreno pelos ruidos do labutar quotidiano que lembra a vida vegetativa e por outro do desconhecido, do vacuo incomensurável, pelo misterioso e enfraquecido bater das ondas do infinito nas regiões da Eternidade.

Momento solemne e grave em que o espírito desligando-se aos poucos das prisões da matéria, atraído, fascinado pela quietude das regiões ethereas, engol-

pha-se em meditativas scismas, producto dos extasis a que a alma se entrega, procurando descortinar as ribas interminas do mundo dos espíritos immortaes.

Mágico período de encanto e melancolia em que a alma agitada pelas reminiscências de entes caríssimos, sente-se docemente invadida pelo brando bafejo de terna e vaga saudade e entregasse a sublimes devaneios.

Comtemplativo me quedara eu absorvido por estranhos sentimentos, mixtos de amor e respeito, quando a plangência suspirosa d'uma badalada, repercussão dos longinquos échos das harmonias celestes, anuncianto o *Angelus*, fez-me reverente dobrar os joelhos e orar: *Ave Maria*.

**R. Nonnato Barreto.**

# Não Salvadora

A Derminal de Fonseca

E no mesmo ponto Jesus estendendo a mão, o tomou por ella e disse: —Homem de pouca fé, porque duvidaste?—

S. Matheus—XIV—Vers. 31.

—“Não da Fé, porque em ti, tornas o incenso em fumo?  
Perque de um porto bom para outro porto zarpas?  
Não da Esperança, em ti, já os sonhos não resumo.  
Teu porto se antolhou de abrólhos e de escarpas.

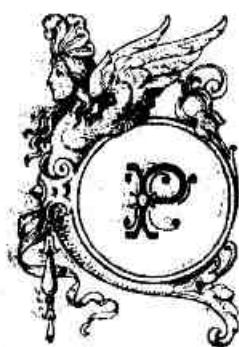
Desarvorada não da Caridade, as harpas  
Do teo vellame, já, se não ouvem, presumo,  
Pois as cordas subtils aos vendavaes esfarpas  
E lá segues tambem, sem vellas e sem rumo!—

E a humanidade toda, entre queixas e maguas,  
Entre as furiás do mar e a cólera celeste,  
Fere e apúa dos bons a alma em ardentes fraguas.

Mas Christo, despe então o manto que o reveste,  
E diz, ao desdobral-o assim, por sobre as aguas:  
Este manto resume as tres nács que perdeste.

**Emilio de Menezes.**

# TEDIO



ara que tanto amor, tanto, creança,  
Para que esse fogo em que te abrazas,  
Se de meo peito o pombo da esperança  
Ha muito que partio ruflando as azas ?

Não queiras reviver no teo sorriso  
O passado feliz, oh casto lyrio ;  
Bein vês ! rolei do nosso paraíso  
Para a seidão da treva e do martyrio.

E' minha alma soturno eremiterio  
Pela dextra do Tedio edificado,  
Ruge a Descrença. A dôr como um psalterio  
Canta gemendo os sonhos do passado.

E quando envolto, ungido de dolencia  
O—Angelus—soluça o campanario,  
Meu coração nos estos da demencia  
Sobe contracto ao cimo do Calvario...

Então, grande cortejo o templo invade,  
Surgein das sombras mysticas visões,  
E no altar-môr o cura da saudade  
Reza na biblia das recordações.

E me appareces casta como outr'ora,  
Tão cheia de alegria e primavera,  
Que me julgo sonhando em branca aurora  
Desbrochada nas plagas da chimera.

E nos teos olhos meigos e chorosos  
Inda diviso como a vez primeira  
Os mesmos raios tristes e saudosos  
Que apunhalaram minha vida inteira.

Tens ainda na fronte a mesma graça,  
Tens ainda na voz doces arpejos ;  
São ainda teus labios rosea taça  
Onde libei o nectar de teus beijos.

E nossas almas juntas, abraçadas,  
Barcarolando nos rosaes em flor,  
Vão buscar as espheras constelladas  
Do paiz sacratissimo do Amor.

Depois, n'um desfilar de condemnado  
Fogem os sonhos da região do encanto  
E sobre as ruinas tristes do passado  
Rompe silente a orchestra do meo pranto.

## Emilio Pinto

Folha representante da moderna geração, o "Azul" não podia ver apagar-se esse brilhante espirito sem prestar a homenagem a que elle tinha direito.

Aqui transcrevemos o que dissemos pela "República" de 2 de Novembro :

"Ajoelhai-vos aqui. Como é triste, ó mocidade, esse longo véo funebre que fluctua, que envolve o vosso solio resplandorado, onde ergue-se um altar de prata e ouro em que celebraes ao luar dos sonhos.

Da nova e adoravel ala cavalleiresca que formastes em torno da Arte, esse é o primeiro destacado para seguir só para o marco eterno do mysterio.

Cobrio-o com a vossa flama de amor, que é a vossa doce flamma na guerra.

Foi hontem por certo que o vistes passar n'uma alegria de festa, cantando por entre os vossos ideaes.

Vae para o futuro, balbuciastes.

Elle ia para a morte.

Ai! como nos faz pena toda essa pobre alegria humana.

Como nos faz pena essa nuvem branca de sonhos que uma pá de terra esmagou para todo o sempre.

Esse que a D. Morte ceifou era, olhae! um dos mais robustos talentos da geração moderna.

E, no entanto, a noite fria do sepulchro apagou essa alvorada de esperança.

Que elle viva agora na paz serena do Senhor, enquanto nós nos imos a caminhar tristemente para a lucta do futuro".

Q estudosso moço, Raymundo Nonnato Barreto, enviou-nos o conto que hoje publicamos, dedicado ao nosso compaheiro Adolpho Werneck.

Devido a ausencia do mavisoso poeta THIAGO PEIXOTO, o "Azul" acha-se sob a direcção de Nicolau dos Santos.

### Expediente.

O AZUL será publicado quinzenalmente.

### ASSIGNATURA:

2 mil rs. por trimestre.

### REDACÇÃO:

### Praça da República N° 4.

Typ. "Der Beobachter"  
Travessa da Proclamação N.º 5.  
— CURITYBA —

# ÍNDICE

<b>Autores</b>	<b>Paginas</b>
Redacção	1, 16, 24, 32, 40, 50, 57, 64, 72, 74, 81, 88, 89, 96, 97, 104.
" Cruz e Souza	2.
Thiago Peixoto	2, 9, 21, 31, 40, 46, 55, 69, 87.
Santa Rita Junior	3, 12, 20, 27, 35, 42, 60, 67, 78, 84, 92.
" Adolpho Werneck	4, 11, 22, 27, 39, 44, 60, 71, 79, 95
Evaristo Pernetta	5, 15, 29, 53.
Euclides Bandeira	5, 10, 30, 36, 44, 53.
Alfredo Sarandy	6, 18.
Nicolau dos Santos	6, 14, 23, 37, 47, 62, 70, 79, 95.
Aristides França	7, 23, 32.
Carlos Raposo	7, 14, 15, 38-
Pereira da Silva	13, 34, 47.
Dr. J. de Santa Rita	17.
Ricardo de Lemos	19, 26, 87.
Generoso Borges	19, 29, 37, 43, 52, 62, 66, 75, 86, 95, 102.
" Dario Velloso	25, 48, 49, 56, 64, 72, 80, 88, 96
Nestor de Castro	33, 65, 73.
Julio Pernetta	34.
Antonio Nobre	41.
Henrique Netto	51.
Emilio de Menezes	58.
Nestor Victor	59, 83.
Adolpho Araújo	63.
João Barreira	76.
Silveira Netto	84, 91.
Hypolito Pereira	85.
Leônio Correia	94.
Domingos Nascimento	99
Romario Martins	100
Leite Júnior	101
Alfredo Coelho	101
Ismael Martins	103
Maia da Gama	104